

A “REVOLUÇÃO PONDERADA”
OU A REPRESENTAÇÃO DO
25 DE ABRIL NO ROMANCE
SCHWERENÖTER (1987) DE
HANNS-JOSEF ORTHEIL*

*The “tactful revolution” or the representation
of the 25th of April in the novel
Schwerenöter (1987) by Hanns-Josef Ortheil*

ROGÉRIO MADEIRA

rogerpcm@fl.uc.pt

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras | universidade do Porto, CITCEM

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0814-2500>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-11_18

Texto recebido em / Text submitted on: 03/05/2025

Texto aprovado em / Text approved on: 30/07/2025

Biblos. Número 11, 2025 • 3.^a Série

pp. 411-429

* Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04059/2020 com o identificador DOI <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

RESUMO

No momento em que decorrem ainda as comemorações dos 50 anos do 25 de Abril parece-me oportuno reavivar a memória também no que respeita à receção de tão relevante acontecimento histórico na literatura de expressão alemã. Consequentemente, o presente estudo revisita o romance *Schwerenöter* (1987), de Hanns-Josef Ortheil, uma das obras literárias alemãs que concede um espaço mais significativo à imagem de Lisboa e de Portugal. Estarão em análise os aspetos fundamentais da representação histórico-ficcional da Revolução dos Cravos, a qual é percebida pelo narrador e protagonista com contornos utópicos quando vive na capital portuguesa uma fase particularmente cativante do seu longo e atribulado percurso formativo enquanto artista e representante da *conditio germaniae*.

Palavras-chave: Relações Luso-Alemãs; Ficção Histórica; Saudade; Revolução dos Cravos; Liberdade.

ABSTRACT

At a time when the 50th anniversary of the 25th of April is still being celebrated, it seems appropriate to revive the memory of the reception of such a relevant historical event in German literature. Consequently, this study revisits the novel *Schwerenöter* (1987), by Hanns-Josef Ortheil, one of the German literary works with a most significant focus on the image of Lisbon and Portugal. The study will analyze the fundamental aspects of the historical-fictional representation of the Carnation Revolution, which is perceived by the narrator and protagonist with utopian contours when he experiences in the Portuguese capital a particularly captivating phase of his long and troubled formative career as an artist and representative of the *conditio germaniae*.

Keywords: Portuguese-German Relations; Historical Fiction; Saudade; Carnation Revolution; Freedom.

No dia 25 de abril de 1974, Portugal atraiu a atenção de todo o mundo através da notícia dos acontecimentos revolucionários que puseram fim a quase meio século de ditadura fascista, satisfazendo os longos e generalizados anseios políticos do povo por liberdade e democracia. A Revolução dos Cravos suscitou de imediato particular interesse entre intelectuais e artistas dos mais diversos quadrantes e o espaço de língua alemã não constituiu exceção. Na verdade, fazendo-se eco da cobertura levada a cabo pela comunicação social, não tarda a emergir um conjunto de textos, por norma de autores de esquerda, que dão corpo a uma série literária de expressão alemã dedicada à revolução portuguesa, a qual, sobretudo devido à escassez de sangue derramado, é quase invariavelmente saudada como concretização do ideal utópico da Liberdade¹.

Curiosamente, pouco mais de uma década volvida sobre essa receção eufórica, num célebre texto intitulado “Portugiesische Grübeleien” [“Cismas portuguesas”] (1986), já um consagrado poeta alemão se referia ao mesmo acontecimento histórico em termos paradoxais como “algo inesquecível que está esquecido” (Enzensberger, 1987: 197), dando conta do seu desencanto perante a percebida degradação da memória coletiva portuguesa². Não

¹ Os primeiros testemunhos da revolução lusa na literatura de expressão alemã vêm a lume no imediato pós-25 de Abril através de dois escritores alemães de esquerda, designadamente Johannes Schenk (1941-2006), autor do ciclo de dez poemas com o título “Avenida da Liberdade”, escrito em junho de 1974 e publicado, em 1977, como primeira parte da coletânea *Zittern* [Tremores], e Alfred Andersch (1914-1980), que publicou a reportagem “Reise in die Revolution” [“Viagem à Revolução”] no jornal *Frankfurter Rundschau* (14.07.1975). Seguem-se os *Diários Portugueses* (1969-1976) [*Portugiesische Tagebücher* (1969-1976)] (1979) de Curt MeyerClason (1910-2012), antigo diretor do Goethe-Institut de Lisboa que, em abril de 1974, teve oportunidade de assistir a acontecimentos ligados à derrocada da ditadura do Estado Novo. Uma breve resenha crítica dos textos literários em língua alemã que retratam o 25 de Abril, com referência a outros trabalhos já publicados sobre esta matéria, pode ser consultada no meu estudo monográfico sobre o imaginário de Lisboa (cf. Madeira, 2002: 41-45).

² Trata-se de um texto híbrido, da autoria de Hans Magnus Enzensberger (1929-2022), o qual combina traços ensaísticos com uma reportagem ficcionalizada do nosso país que difunde uma imagem ambivalente de Portugal e Lisboa. Foi originalmente publicado no semanário alemão *Die Zeit* (26.9.1986) e incluído, depois, num volume de reportagens sobre diversos países europeus (Enzensberger, 1987: 177-233; cf. Madeira, 2002: 44s.). Um outro olhar crítico – e bem mais disfórico, por sinal – acaba de ser lançado através do volume temático da

obstante a relevância dos legítimos balanços críticos, vindos a lume sobretudo em anos comemorativos da Revolução dos Cravos³, é outro o objeto central do presente estudo. Por conseguinte, vou centrar-me na década de 1980, mais precisamente no contexto da recrudescente produção literária sobre Portugal, motivada pela adesão do nosso país à CEE e pela receção da obra de Fernando Pessoa⁴. Na verdade, quase em simultâneo com a supracitada reportagem de Enzensberger, é dado à estampa o romance *Schwerenöter* (1987), de Hanns-Josef Ortheil, o qual inclui uma das últimas e mais significativas representações estético-literárias do 25 de Abril por autores de língua alemã⁵ e constitui o objeto de análise do presente trabalho, uma versão refundida e atualizada de um subcapítulo da minha monografia sobre *O Imaginário de Lisboa nos Romances «Bekenntnisse des Hochstaplers Felix Krull» de Thomas Mann e «Schwerenöter» de Hanns-Josef Ortheil* (Madeira, 2002: 174-187).

Ortheil, casado, desde 1983, com a editora Iva Klemm, vive atualmente em Hildesheim. O autor nasceu em novembro de 1951, na RFA da

revista literária *die horen*, o qual reúne textos literários curtos bem como trabalhos artísticos e fotográficos relativos ao 25 de Abril sob o título *Das Gras wächst von selbst: Faulheit und weitere Untätigkeiten - 50 Jahre Nelkenrevolution – Unverhofft [A erva nasce espontaneamente: preguiça e outras inatividades - 50 Anos da Revolução dos Cravos – Inesperadamente]* (2024).

³ De facto, tal como em Portugal (Monteiro, 2024, por exemplo) também na Alemanha têm sido publicados diversos estudos de prestigiados académicos relativos à temática em apreço, com destaque para as coletâneas editadas por Reinstädler e Tohrau (2015) e Pinheiro et al. (2024). A título ilustrativo do trabalho de memória sobre 25 de Abril realizado no contexto alemão, refira-se ainda o número 194 da revista *die horen* dedicado à *Literatura portuguesa. 25 anos após a Revolução dos Cravos [Portugiesische Literatur. 25 Jahre nach der Nelkenrevolution]* (1999), organizado por Michi Strausfeld.

⁴ Sobre o impacto causado pela integração de Portugal no espaço político-económico europeu, em 1985, e pela receção da obra pessoana, impulsionada pela primeira edição alemã do *Livro do desassossego [Das Buch der Unruhe]* (1985), na evolução das relações literárias e culturais luso-alemãs, cf. Madeira (2002: 34s., 129).

⁵ Tenho somente conhecimento de três outros romances alemães mais recentes que, sem dissimularem o pendor epigonal, abordam o tema da Revolução de 1974: o primeiro, intitulado *Nelkenliebe [Amor aos cravos]* (2017), da argumentista e presumível autora de *bestsellers* Anja Saskia Beyer; o segundo, de Birte Stährmann, tem o título *Schatten und Licht in Lissabon [Sombra e luz em Lisboa]* (2019); por último, *Die vergessene Revolution: Freiheit. Liebe. Nelken [A revolução esquecida: Liberdade. Amor. Cravos]* (2024), de Joachim Stengel.

era Adenauer, como filho único de um topógrafo, que colaborara com o regime nazi, e uma bibliotecária que, traumatizada pela perda de quatro filhos durante e após a Segunda Guerra Mundial, se remete a um silêncio absoluto, o qual afeta também o filho durante a infância vivida em Colônia, Wuppertal e na região do Westerwald. Só aos oito anos de idade o pequeno Hanns-Josef desperta verdadeiramente para a leitura e também para a escrita quase compulsiva, acedendo ao ensino público. Em 1967 a família muda-se para a cidade de Mainz, onde o adolescente consegue, não sem dificuldades, concluir o ensino secundário para depois completar a formação acadêmica, na universidade local, com estudos em Filosofia, Germanística, Ciências Musicais e Literatura Comparada. Em 1976, ano em que inicia o desempenho das funções de assistente no Instituto Alemão da Universidade de Mainz (até 1988), obtém o doutoramento com uma dissertação sobre a teoria do romance publicada, posteriormente, sob o título *Der poetische Widerstand im Roman. Geschichte und Auslegung des Romans im 17. und 18. Jahrhundert* [*A Resistência Poética no Romance. História e Interpretação do Romance nos Séculos XVII e XVIII*] (1980), registrando passagens também por outras universidades (Göttingen, Roma e Paris, entre outras). Em 1979 dá início à carreira literária com *Fermer*, romance que reflete ainda a influência da Nova Subjetividade (Schmitz, 1997: 27ss.). Desde finais da década de 1980, tem conciliado a prolífica atividade de escritor profissional com a de argumentista, pianista e professor de Literatura Contemporânea, Jornalismo Cultural e Escrita Criativa na Universidade de Hildesheim. Autor multifacetado e defensor de um ideário estético-literário próximo do pós-modernismo, conta agora mais de setenta livros publicados, não raro, de pendor autobiográfico, entre os quais se encontram romances, biografias, ensaios, relatos de viagens e textos de divulgação científica⁶. De entre as quase duas dezenas de distinções com

⁶ Note-se que, depois do volume *Ein Kosmos der Schrift: Hanns-Josef Ortheil zum 70. Geburtstag* [*Um cosmos de escrita: por ocasião do septuagésimo aniversário de Hanns-Josef Ortheil*] (2021), coeditado com Iva Klemm, o autor já publicou mais cinco novos livros, a saber: os romances autobiográficos *Ombra* (2021) e *Kunstmomente – wie ich sehen lehte* [*Momentos artísticos – como eu aprendi a ver*] (2023), as coletâneas de prosa narrativa curta *Charaktere in meiner Nähe*

que foi agraciado, destaco a atribuição do Aspekte-Literaturpreis (1979), do Brandenburgischer Literaturpreis (2000) e dos Prémios Thomas Mann (2002), Nicolas Born (2007) e Elisabeth Langgässer (2009).

O romance *Schwerenöter*, redigido entre março de 1983 e novembro de 1986 (S 644)⁷, constitui um ambicioso projeto do autor que lhe valeu, em 1988, a obtenção da Bolsa Villa Massimo em Roma e do Prémio Literário de Estugarda, Capital do Estado de Baden Württemberg, mas esteve longe de colher o louvor unânime junto da exigente crítica literária de língua alemã⁸. A prolixa obra perfila-se, na senda da tradição clássica goethiana, como romance de formação [“Bildungsroman”] da pós-modernidade, sem descurar outras influências intertextuais⁹, e oferece-nos um retrato abrangente da sociedade alemã do pós-guerra, de resto, anunciado pela casa-editora na nota de apresentação (S 2) e na contracapa do livro, motivando um coro de críticas¹⁰. A ação romanesca

[*Personagens perto de mim*] (2022) e *Von nahen Dingen und Menschen* [*De coisas e pessoas próximas*] (2024), bem como o manual de escrita criativa *Nach allen Regeln der Kunst. Schreiben lernen und lehren* [*De acordo com todas as regras da arte. Aprender e ensinar a escrever*] (2024). Uma resenha biobibliográfica mais completa do autor pode ler-se na supramencionada monografia (Madeira, 2002: 123-128).

⁷ As citações da obra em análise serão referenciadas – tanto no corpo de texto como em nota de rodapé – através da sigla S, seguidas do(s) número(s) da(s) página(s) respetiva(s). Por motivos de limitações de espaço, as citações de todos os textos escritos originalmente em língua alemã serão, regra geral, transcritas somente em tradução portuguesa, a qual é da minha responsabilidade, salvo indicação em contrário.

⁸ Para uma análise exaustiva da receção predominantemente negativa do romance ortheiliano, cf. Madeira (2002: 129-146).

⁹ O romance *Wilhelm Meisters Lehrjahre* [*Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*] (1795/96), de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), representante do Classicismo alemão, é geralmente considerado como obra fundadora do supramencionado subgénero romanesco de grande tradição na literatura de expressão alemã. Helmut Schmitz (1997: 120) salienta também o facto de a técnica narrativa do entrelaçamento entre elementos históricos e dados biográficos dos gémeos fictícios ter sido inspirada na obra literária de Jean-Paul (pseud. Johann Paul Friedrich Richter, 1763-1825), aliás, uma das referências literárias de Ortheil. A respeito da influência estrutural dos 24 cantos da *Odisseia* sobre o romance em estudo, cf. Madeira (2002: 130).

¹⁰ Michael Töteberg (1996: 6), por exemplo, mostra-se sarcástico ao rotular o extenso romance de 643 páginas com o neologismo “ZEIGRODEURO”, um empolado anagrama, composto a partir das sílabas iniciais da expressão panfletária reproduzida pela editora Piper na contracapa do livro

centra-se num par de irmãos gémeos, fisicamente idênticos mas psicologicamente bem distintos, os quais personificam duas atitudes contrastantes perante a vida ou dois modos diferentes de se integrar ou de enfrentar os desafios da sociedade alemã ocidental, simbolizando ao mesmo tempo a *conditio germaniae*, a ambivalência da alma alemã que constitui, de resto, a base da teoria ortheiliana da “sedução tenebrosa” ou “melancólica” [“Schwerenötertum”], inspirada na famosa conferência de Thomas Mann (1875-1955) sobre *A Alemanha e os Alemães* [*Deutschland und die Deutschen*] (1945) e exposta num dos capítulos centrais do romance em apreço justamente intitulado “Schwerenöter” [“Sedutor melancólico”] (S 305-344)¹¹. Assim, enquanto Josef se revela mais extrovertido, picaresco e impulsivo, Johannes, o eu-narrador e protagonista mostra-se mais introvertido, melancólico e reflexivo, digladiando-se mutuamente na tentativa de superação do dualismo da alma germânica. Ao entrelaçar episódios de vida pessoal dos gémeos com eventos históricos e convulsões sociais, Ortheil cria efetivamente um quadro abrangente da história políticossocial da República Federal da Alemanha, desde o período da fundação do estado ocidental alemão até ao início dos anos 80, quando Josef, protótipo do *homo politicus*, se realiza política e socialmente com a eleição como deputado do partido Os Verdes para o *Bundestag*, enquanto Johannes, sujeito-narrador e *alter ego* do autor real Hanns-Josef Ortheil, busca inspiração em Luís de Camões (1524-1580) e concretiza o sonho de se tornar escritor por meio da escrita e publicação de um romance autobiográfico com o título *Schwerenöter* (cf. S 642)¹².

(“Ein großer deutscher Zeitroman — von Adenauer bis zu den Grünen” [“Um grande romance de época alemão”]. Ortheil defende-se das críticas contundentes relativas ao questionável retrato panorâmico da RFA, refutando o cariz historiográfico e sociopolítico do mesmo, e relevando antes a natureza estético-literária do conjunto da obra em apreço (cf. Madeira, 2002: 145s.).

¹¹ Acerca das dificuldades de tradução suscitadas pelos lexemas “Schwerenöter” e “Schwerenötertum”, cf. Madeira (2002: 134ss.), estudo que apresenta também uma explicação mais detalhada da supramencionada teoria da duplicidade da alma e da nação germânica. Cf. ainda Schmitz (1997: 111ss.; 120s.) e Missler (1997: 264).

¹² Para um esclarecimento cabal da influência determinante do autor d’*Os Lusíadas* no momento culminante da ação romanesca que proporciona a superação da crise identitária e do renascimento do herói como artista, cf. Missler (1997: 263) e Madeira (2002: 204ss.).

Um papel fundamental na evolução do processo formativo integral do herói-artista que conduz a este desenlace feliz cabe precisamente à Revolução de 25 de Abril de 1974, testemunhada *in loco* por Johannes, na sequência de uma relação amorosa, intensa mas fugaz, com Fernanda, uma bela portuguesa, filha de um influente e abastado empresário, pela qual o jovem pianista alemão se apaixonara após um concerto realizado em Paris (cf. S 523-556). Todavia, entre os críticos literários que abordam o episódio lisboeta, somente Widmar Puhl (1987) e Barbara Dobrick (1987) reconhecem verdadeiramente – e bem, a meu ver – não apenas o efeito destrutivo do amor infeliz para o herói melancólico, mas também o impacto positivo dos acontecimentos revolucionários por ele presenciados nas ruas da capital lusa¹³.

Note-se, antes de mais, que a estada de Johannes em Portugal é narrada num dos capítulos mais longos que ostenta o título “Saudade” (S 557-589), palavra intraduzível e expressamente apontada como paradigma de um pretenso sentimento nacional e, ao mesmo tempo, síntese ideal da experiência de vida do protagonista. Na sequência de visitas do casal de namorados a monumentos emblemáticos e longos passeios pelas ruas da capital, a que não serão alheios os intertextos de Reinhold Schneider (1903-1958) sobre Lisboa e Portugal¹⁴, o texto romanesco descreve a saudade como um “desassossego inspirador de melancolia” e por uma “incapacidade anestesiante, paralisante” (S 563). Ao mesmo tempo, a saudade lusitana parece refletir igualmente as

¹³ De facto, a maioria dos recensores parece não perdoar a Ortheil o desmesurado esforço para inserir todos os aspetos relevantes da história do após-guerra num contexto narrativo verosímil e denunciam o caráter trivial da conceção romanesca, considerando o surgimento da revolução portuguesa aquando da estada do narrador-protagonista em Lisboa como estratégia narrativa demasiado repetitiva, tendo em conta a quantidade de acontecimentos históricos incluídos no romance (cf. Madeira, 2002: 142s.).

¹⁴ Na verdade, muitos dos temas, motivos e símbolos associados aos espaços percecionados por Johannes e Fernanda, como a Torre de Belém ou o Mosteiro dos Jerónimos, por exemplo, fazem parte do imaginário de Lisboa difundido na literatura de língua alemã dedicada à realidade lusa, em especial nas obras schneiderianas *Portugal. Ein Reisetagebuch* [Portugal. Diário de viagem] (1931) e *Das Leiden des Camões oder Untergang und Vollendung der portugiesischen Macht* [O sofrimento de Camões ou Decadência e apogeu do poderio português] (1931). Cf. Missler (1997: 260s.) e Madeira (2002: 163-173).

condições psicológicas do protagonista alemão, tão seduzido pela passividade e pela nostalgia que nem consegue confessar à amada os seus desejos mais íntimos (cf. S 564). A heteroimagem da interioridade nostálgica e da inércia enraizadas na realidade histórico-cultural estrangeira surgem ao herói alemão – protótipo do “sedutor melancólico” – como espelho da identidade e da realidade próprias, ou seja, como autoimagem. Este predomínio da saudade é subitamente quebrado pelo acontecimento nacional tão inesperado quanto desejado pela maioria da população portuguesa – a revolução.

Com efeito, logo pela manhã do dia 25 de abril de 1974, Johannes é acordado pelo alarido dos criados no quintal do esplêndido palacete, situado numa das colinas lisboetas com vista para o Tejo, e tenta saber o que se passa. A notícia da difusão pela Rádio Renascença da canção “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso (1929-1987) surpreende o jovem alemão que inicialmente não percebe o seu significado. Consciente ou inconscientemente, mas por certo também com o objetivo de sublinhar a natureza repressiva e censória do Estado Novo, Ortheil coloca uma pequena infidelidade histórica – ou uma liberdade poética, se preferirmos – na boca de Gabriel, criado da casa e motorista. Ao informar o protagonista sobre os acontecimentos, de todo inesperados, da noite de 24 para 25 de abril, o empregado afirma que a canção que serviu de senha ao movimento revolucionário se encontrava há muito proibida, o que contradiz os factos históricos¹⁵. Em todo o caso, é Gabriel, ex-emigrante na RFA e, por isso, fluente em língua alemã,

¹⁵ A respeito do referido momento histórico, Rodrigues et al. (2001), por exemplo, depois de mencionarem a difusão, às 22 horas e 55 minutos do dia 24 de abril, da canção “E depois do Adeus” de Paulo de Carvalho, pela estação lisboeta Emissores Associados, esclarece o seguinte: “À meia-noite e vinte, o «Movimento» pôs-se sobre rodas, à voz do locutor Leite de Vasconcelos, anunciando o «Gândola Vila Morena», inicialmente, Otelo [Saraiva de Carvalho] hesitava entre duas canções de Zeca Afonso – «Venham Mais Cinco» e «Traz Um Amigo Também» – que representavam um chamamento explícito. Mas estas canções enfrentavam dificuldades junto dos censores, motivo por que o locutor Santos Coelho, da mesma equipa de Leite de Vasconcelos, sugeriu «Grândola», *que não estava proibida* e que uma semana antes fizera um sucesso retumbante numa festa da Casa da Imprensa no Coliseu dos Recreios. Otelo aceitou com entusiasmo, por causa da estrofe «o povo é quem mais ordena» que viria a ser o timbre da Revolução.” (Rodrigues et al., 2001: 29; itálico meu).

quem ajuda Johannes a interpretar as ocorrências relacionadas com o golpe militar, esclarecendo-o nomeadamente acerca da suposta função atribuída à icónica canção:

«O que é que aconteceu, Gabriel?» – «Hoje de manhã a *Rádio Renascença* deu o sinal.» – «Qual sinal?» – «*Grândola, vila morena* ... É uma canção de José Afonso ... *Grândola, vila morena*, Terra da fraternidade ... A canção era proibida até agora.» – «Proibida?» – «Há muitos anos. As estações de rádio não podiam difundir-la.» – «E tens a certeza?» – «Eu próprio a ouvi há poucos minutos.» – «Significa revolução, *Senhor*, significa a liberdade. O Governo foi derrubado, o Movimento das Forças Armadas tomou o poder.» – «Gabriel, isso é impossível. Uma revolução não eclode de um dia para o outro, uma revolução pressupõe longos preparativos, um bom aparelho...» – «*Senhor*, esta é uma revolução portuguesa, acho eu.» – «E o que é uma revolução portuguesa?» – «Branda, com pouco sangue derramado...» – Branda? *Ponderada*? O que é que isto me fazia lembrar? Será que ele tinha razão? Será que os sonhos nos quais nós na Alemanha há muito deixáramos de acreditar se realizariam aqui em Portugal? Perguntei a Gabriel o que é que ele pretendia fazer agora. «Nada, *Senhor*, é melhor não sairmos agora de casa. O *Senhor Presidente* saberá o que há a fazer.» – «Teremos que aguardar com paciência até ele chegar?» – «Eu vou aguardar, *Senhor*...» (S 564s.)

A celeridade e a eficácia das ações protagonizadas pelos revolucionários com vista à consumação da queda do regime fascista em Portugal consitui um dos aspetos que mais contribuem para a perplexidade evidenciada pelo protagonista alemão perante o relato de Gabriel¹⁶. O outro aspeto especí-

¹⁶ É certo que o golpe de Estado de 25 de Abril de 1974 surpreendeu toda a gente até pela rapidez e a competência com que foi executado, mas desde a eclosão do chamado “Movimento dos Capitães”, em 1973, havia sinais de que o fim do regime salazarista estava próximo, como refere Fernando Rosas: “A 14 de Março de 1974, o Governo respondia ao verdadeiro apelo à revolta que representara a não comparência de Costa Gomes e Spínola à reunião da “brigada

fico sublinhado, no texto histórico-ficcional, pelo empregado submisso do Senhor Presidente é o caráter relativamente pacífico da revolução portuguesa e o qual, de resto, mais estranheza causou aos observadores estrangeiros, levando, por exemplo, a revista *Der Spiegel* a apelidá-la sintomaticamente de “höfliche Revolution” [“revolução branda”], designação a que não são alheios os estereótipos da brandura dos costumes, da cortesia, do civismo e do pacifismo dos portugueses¹⁷. Johannes assume, no plano diegético, precisamente o papel de observador alemão dos acontecimentos que marcaram a realidade histórico-política de Portugal. Como homem de esquerda, o narrador-protagonista vê na pacífica Revolução dos Cravos a concretização dos sonhos utópicos da sua geração, o caráter “brando” [“höflich”] da revolução portuguesa recorda-lhe, aliás, a proximidade de um outro adjetivo (“taktvoll”) [“ponderado” ou “com tacto”] e condu-lo ao conceito adorniano de “tacto” [“Takt”] como uma sensibilidade especial ou uma ponderação do ser humano que, de forma utópica, caracteriza a Revolução do 25 de Abril no romance de Ortheil¹⁸.

do reumático”, demitindo-os dos seus cargos. Não tinha já força para mais, nem sequer para isso. A 16 de Março é a saída em falso das Caldas da Rainha, que Caetano tenta pateticamente desdramatizar. Será o ensaio geral, o afinador do golpe militar de 25 de Abril de 1974, que sai como previsto e que não falha. O regime caía, sem que praticamente ninguém acesse em sua defesa.” (Rosas, 1994: 558). Sobre esta matéria, cf em especial Rodrigues et al. (2001: 69-132).

¹⁷ Num artigo sobre o impacto da Revolução dos Cravos na opinião pública alemã, Zimmerer (1996: 578) considera que a cobertura da imprensa escrita padece de um recurso generalizado a velhos clichés para explicar a revolução portuguesa, descurando a análise rigorosa das causas políticas, económicas e sociais deste acontecimento histórico. Acerca da reportagem na referida revista alemã pode ler-se o seguinte: “*Der Spiegel* transformou a disponibilidade proverbial dos portugueses para a paz e a sua brandura em manchete ao designar o golpe como «A Revolução Branda» (*Der Spiegel*, 6.5.1974: 82). A alegada natureza romântica dos portugueses serviu igualmente para o *Spiegel* caracterizar o impressionante papel desempenhado pelo general Spínola: seria um «velho guerreiro liberal com traços quixotescos» ou até um «romântico arrebatado pelo júbilo delirante», como questionava o autor (*Der Spiegel*, 6.5.1974: 83).” (*apud* Zimmerer, 1996: 574).

¹⁸ A este respeito não posso deixar de salientar que, no capítulo “Der Herr der Gelehrten” [“O senhor dos sábios”] (S 373-405), o protagonista demonstra a sua especial predileção pela sensibilidade do pensamento de Theodor W. Adorno (1903-1969), afirmando, por exemplo, o seguinte: “A esta sensibilidade chamou Adorno *tacto*. Já Goethe, como vim a saber, tratara deste

É mesmo o pianista alemão que dá, em primeira mão, a notícia ao pai de Fernanda, tratado apenas por meio do epíteto “Senhor Presidente”, que reage com um nervosismo, do qual cedo se recompõe para aceitar o desafio de uma nova realidade política e social (S 566). A reação imediata do empresário deixa, pois, antever um homem de ação e de grande firmeza que exige de imediato a presença dos seus informadores para se familiarizar com as ocorrências. Gabriel, o motorista, é o seu homem de confiança que faz um primeiro ponto da situação, dando conta da evolução rápida e pacífica dos acontecimentos desde a partida das forças lideradas pelos “Capitães de Abril” em direção à capital para ocuparem as principais praças locais e a televisão sem deparar com qualquer oposição, até aos voos rasantes dos aviões da Força Aérea pela manhã, passando pelos comunicados do MFA, intercalados com marchas militares e canções de intervenção de Zeca Afonso (cf. S 566). A narração parece respeitar a realidade histórica e reflete uma imagem positiva de Portugal pela forma pacífica como decorre um acontecimento que não raro se caracteriza por um banho de sangue¹⁹.

O pai de Fernanda toma consciência da delicadeza da sua situação que exige uma mudança de atitude, um distanciamento ou mesmo um corte radical com os homens afetos ao antigo regime, tal como uma aproximação aos seus subalternos proletários (cf. S 566s.). Assim, o Senhor Presidente revela-se um bom ator e não deixa de sublinhar bem o seu contentamento face à revolução. A afabilidade e a euforia encenadas pelo proprietário do

tacto. O tacto consistia em *desviar-se conscientemente do caminho*. (...) O tacto era o segredo do discurso e do pensamento de Adorno. Mantinha presentes as convencões com as quais se rompera e não visava mais que a suave aproximação entre razão e sensualidade, pensamento e fantasia.” (S 403).

¹⁹ É bem conhecido o papel determinante desempenhado pelo capitão Salgueiro Maia (1944-1992), um dos líderes do golpe militar, no comando das operações conducentes a uma revolução pacífica: “A acção de Salgueiro Maia no dia 25 de Abril de 1974, à frente de uma coluna da Escola Prática de Cavalaria, foi decisiva para a imagem de uma revolução sem sangue em Portugal que correu o mundo. Tendo desarmado toda a resistência das forças governativas pela persuasão, coube-lhe ainda a missão de cercar o Quartel do Carmo da GNR e de preparar as condições para a rendição de Marcello Caetano.” (Ferreira, 1994: 28).

luxuoso palacete pretendem cativar os empregados e mostrar-lhes que estão do mesmo lado. Ao mesmo tempo é ele quem mantém a calma e controla a situação como quem chefia um gabinete de crise (S 567). Agarrado ao telefone e na companhia interessada do protagonista, o pai de Fernanda mantém-se em permanente estado de alerta, assistindo à distância aos acontecimentos que vão tomando o seu rumo natural e cuja descrição minuciosa (cf. S 567s.) faz referência à ocupação estratégica dos locais públicos mais importantes, ao encerramento do comércio e dos serviços públicos, bem como à sedução do povo pelo “espetáculo da conquista do poder” (S 568), instalado no Largo do Carmo à entrada do quartel da GNR, e à débil resistência de alguns elementos da PIDE/DGS que provocou apenas três mortos e algumas dezenas de feridos mas que seria rapidamente ultrapassada pelas ações determinadas e bem planeadas dos militares portugueses (cf. Rodrigues et al., 2001: 42ss. e Ferreira, 1994: 28s.). A boa organização dos portugueses é, aliás, anotada – e bem – como um aspeto surpreendente da revolução pela figura do Senhor Presidente, parecendo radicar na preconceituosa hetero e autoimagem de desorganização e incompetência lusitanas que consegue porventura granjear adeptos dentro e fora do nosso país: “espantoso, verdadeiramente espantoso, tratando-se de portugueses; não se esperaria tamanha determinação por parte dos militares, de modo algum” (S 568)²⁰.

O relato dos eventos ocorridos na Baixa lisboeta através dos telefonemas do pai de Fernanda apenas confere algum espaço a duas figuras políticas: Marcello Caetano (1906-1980), o Presidente do Conselho e chefe do Governo deposto, que consegue escapar incólume à ira dos seus opositores e exilar-se, e o general António de Spínola (1910-1996), o polémico líder da Junta de Salvação Nacional, que viria a ser designado Presidente da República. O primeiro, depois de ter constituído para muitos um motivo de esperança com o seu projeto de continuidade e renovação em finais da década de 60,

²⁰ A propósito de heteroimagens estereotipadas dos portugueses recentemente difundidas no espaço cultural de língua alemã, cf. *supra*, a nota 2.

é apontado agora como “um fracassado” (S 568)²¹. O segundo é apresentado pelo empresário como figura carismática, admirado pela astúcia, experiência e capacidade de renovação: “aquela raposa”, “um velho guerreiro, um reformador, sim, o orgulho de Portugal” (S 568)²².

A cobertura ficcional do dia da Revolução dos Cravos pelo narrador-protagonista alemão revela-se bastante completa, tendo em conta os dados históricos conhecidos. É Johannes quem avança com a notícia da confirmação definitiva da vitória do Movimento das Forças Armadas, dispensando-nos da transcrição do texto do comunicado do MFA, transmitido via rádio (S 568). O protagonista deixa-se contagiar pelo júbilo coletivo dos portugueses e não resiste a juntar-se à multidão que percorre as ruas da cidade neste dia histórico e confere traços vivamente utópicos ao texto lisboeta de *Schwerenöter*. O jovem alemão acompanha Fernanda e o pai na descida à Baixa lisboeta, uma “caldeira em ebulição” (S 568), para assistir à euforia popular. Os festejos incontidos com vinho e flores, os simbólicos cravos, a música de intervenção são ingredientes que conferem um sabor especial a este cortejo inesperado e ilimitado que subia

em toda a largura a *Avenida da Liberdade*, grupos a cantar e a dançar, movidos de novo pela embriaguez, rasgando e queimando os retratos do

²¹ Rosas (1994: 554) menciona o início da desagregação final da ditadura em 1970-1971 e o enfraquecimento, a partir do Verão de 1973, da posição de Caetano, o qual “parece disposto a ceder tudo: nomeia Spínola vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, um cargo inventado para ele; permite, com imprevisíveis efeitos, a publicação do seu livro *Portugal e o Futuro*, pede até a demissão, em Fevereiro de 1974, face ao significado do que no volume se afirmava, convidando os generais a tomar o Poder, e volta a ameaçar demitir-se quando Américo Tomás insiste, pelas mesmas razões, no afastamento dos dois chefes militares [Costa Gomes e Spínola]”.

²² O epíteto de “reformador” dever-se-á certamente à publicação da célebre obra do general do monóculo, a qual terá inclusive apressado a revolução, como sublinha Ferreira (1994: 18): “O livro de António de Spínola, *Portugal e o Futuro*, lançado em meados de fevereiro de 1974 pela Arcádia, não foi só um retumbante êxito editorial. A tese segundo a qual a questão colonial não tinha solução militar foi um desafio público ao poder político, que acelerou a organização do golpe contra o regime quase cinquentenário”. Sobre o papel de Spínola e sobre a génese do MFA, cf. ainda Marques (1998: 421ss.) e, especialmente, Rodrigues et al. (2001: 145ss.).

antigo ditador Salazar, e o coro triunfal das criaturas humanas a crescer, *Grândola, vila morena*, enquanto dentro de mim despertavam bruscamente as lembranças das manifestações em Berlim e Frankfurt, ocorridas já há anos, lembranças dos anos das vagueações e dos sonhos que pareciam realizar-se aqui de forma tão inesperada, nesta *revolução ponderada*, nesta libertação de sentimentos há muito recalcados que nos permitia dançar e cantar com outras pessoas totalmente estranhas, pela noite dentro, descendo até ao cais dos cacilheiros, subindo um pouco até um dos miradouros sobre a *Avenida*, para lançar um olhar às massas flutuantes, arremessadas de um lado para o outro, sem descanso, até ao momento em que de manhãzinha subimos de novo ao palacete, a esse silencioso mundo estranhamente morto... (S 568s.)

Este quadro eufórico da capital portuguesa a fervilhar em liberdade constitui, sem dúvida, o momento climático do episódio lisboeta no romance em apreço, resultando na concretização do sonho utópico do protagonista de uma *revolução ponderada* [*taktvolle Revolution*] (S 569).

Nos dias após a revolução, não obstante as enfáticas manifestações de júbilo por parte do pai de Fernanda em relação ao sucesso do golpe de Estado militar, a atitude dele parece bastante fria e calculista. O Senhor Presidente mostra-se incansável no acompanhamento dos acontecimentos revolucionários, desdobrando-se em contactos e em negociações secretas com interlocutores não identificados, num esforço notável para não deixar desmoronar o seu império económico, edificado à custa de inconfessados compromissos com a ditadura fascista. Assim, a bem cogitada estratégia de reorganização e adaptação à nova e conturbada realidade pós-revolucionária passa pela afirmação das suas novas convicções democráticas e pelo disfarce das suas anteriores ligações secretas ao Estado Novo, bem como de sinais exteriores de riqueza (S 569s.). Johannes chega mesmo a desmascarar a atitude do empresário neodemocrata, o qual ignora o povo oprimido e os relatos dos prisioneiros políticos que, finalmente, dão voz à liberdade de expressão para depois demonstrar, publicamente, o seu interesse nas deslocações à sede da PIDE e ao forte de Caxias (S 570). A sua atenção centra-se naturalmente na

evolução política, daí a sua satisfação ao ver regressar Mário Soares (1924-2017) do exílio e a apreensão do político socialista face ao entusiasmo com que é acolhido o líder comunista Álvaro Cunhal (1913-2005). A mudança de atitude do Senhor Presidente manifesta-se ainda, por um lado, através de uma receção a representantes do MFA na sua casa apalaçada e na qual não faltaram os simbólicos cravos, e, por outro, através da oportuna generosidade em relação aos trabalhadores, patente no aumento de ordenados e gorjetas (cf. *S* 570s.).

A modelação do Senhor Presidente ao novo espírito de liberdade e democracia culmina na realização, em família, de uma efusiva festa de comemoração democrática – extensiva aos empregados da casa – da Revolução de 25 de Abril. Nessa noite de alegria o anfitrião não esquece o jovem estrangeiro que se encontra de visita a Lisboa e concede-lhe a realização de um desejo: um telefonema para a Alemanha. A conversa telefónica entre Johannes, empolgado pela revolução portuguesa, e Josef, imerso nas águas agitadas da radicalizada realidade alemã de meados dos anos 70, em vez de constituir motivo de alegria, acaba por entristecer o protagonista (*S* 572s.). Com efeito, a indiferença do irmão relativamente ao histórico acontecimento vivenciado em terras lusas vem ensombrar o estado de espírito do gémeo que, subitamente, é também confrontado com a precariedade da sua situação em Lisboa: “Mas o que é que estás a fazer aí em baixo, nesse teu Portugal?” (*S* 573). Para Josef, a Alemanha continua a ser o centro do mundo e a “palaciana revolução” portuguesa adquire a dimensão irrisória “de um espetaculozinho ao ar livre...” (*S* 573), quando comparada com as tumultuosas cenas de violência por ele presenciadas em terras germânicas. Além disso, o telefonema traz um outro motivo de consternação ao protagonista: a notícia da já anunciada queda do chanceler Willy Brandt (1913-1992), o “sonhador” (*S* 573), devido aos escândalos relacionados com a infiltração de um espião da RDA no seu governo e com uma amante. No âmbito da ação romanesca, o fracasso retumbante do líder carismático da SPD, seu ídolo político, funciona como prefiguração especular do destino de Johannes, cuja degradação psíquica não tarda a consumir-se.

Na verdade, a situação do herói estrangeiro em Lisboa — um pianista sem emprego a viver à custa da família da namorada — afigura-se como

insustentável e será o Senhor Presidente a despoletar uma solução que passa, inevitavelmente, pelo fim do idílio amoroso e o afastamento gradual, mas definitivo, entre Johannes e a filha do abastado empresário, ocupadíssimo com o restabelecimento dos negócios e da rede de influências políticoeconómicas no conturbado período pós-revolucionário. O fim da relação com Fernanda é, efetivamente, promovido pelo pai através da separação forçada do casal de namorados, compensada com a concessão de um emprego administrativo monótono e esgotante ao artista alemão, que se revela incapaz de reconquistar o amor de Fernanda e de se integrar na construção da sociedade democrática portuguesa. A consequente crise existencial e identitária embrenha o sedutor melancólico no “labirinto da saudade”²³ e acaba por motivar a sua partida de regresso à Alemanha. Só após anos de sofrimento e tratamentos vários, Johannes consegue libertar-se da depressão, reagindo, como se referiu na sinopse inicial do romance, ao triunfo do irmão gémeo na vida política alemã com a realização pessoal do desejo de se afirmar no espaço cultural de língua alemã como escritor.

Para concluir, gostaria de reiterar as ideias fundamentais a respeito da representação estético-literária da Revolução de 25 de Abril de 1974 no romance *Schwerenöter* (1987). O acontecimento histórico que vem instaurar a liberdade e a democracia em Portugal surge, no mundo histórico-ficcional, intimamente articulado com o destino do narrador-protagonista, o qual, de acordo com a teoria explanada por Hanns-Josef Ortheil, representa a *conditio germaniae*, ou seja, a duplicidade da alma ou da nação alemã. Com efeito, Johannes vive em Lisboa momentos culminantes da sua biografia com a dupla realização dos seus sonhos, por um lado, no plano sentimental através da idílica relação amorosa com a jovem beldade portuguesa e, por outro, no plano político através da experiência *in loco* da histórica Revolução dos Cravos, sujeita a um tratamento histórico-ficcional bastante minucioso. No texto romanesco,

²³ Sobre o uso da expressão metafórica criada por Eduardo Lourenço (1923-2020), na obra ensaística *O Labirinto da Saudade* (1978), para descrever o processo de desagregação mental do protagonista alemão na fase final do episódio lisboeta, cf. Madeira (2002: 196-203).

em que não faltam referências a protagonistas históricos, como Spínola ou Zeca Afonso, é concedido particular relevo à celeridade, à eficácia e ao caráter pacífico das ações levadas a cabo pelos líderes revolucionários do MFA, contribuindo para a representação idealizada do 25 de Abril como “revolução ponderada” [“takvolle Revolution”], designação inspirada no pensamento de Adorno. Assim, a imagem de Johannes e Fernanda a percorrerem a Avenida da Liberdade no meio da multidão, munida dos icónicos cravos e entoando a “Grândola, vila morena”, enfim, inebriada com o êxito do golpe militar que derrubara o regime fascista simboliza, evidentemente, a concretização da utopia. Todavia, trata-se apenas de um momento utópico no longo trajeto do protagonista que se revela incapaz de superar os obstáculos colocados pela poderosa figura do Senhor Presidente no caminho da conquista do amor de Fernanda e da plena integração na sociedade portuguesa pós-revolucionária. O abastado empresário português, rapidamente adaptado à nova realidade política imposta pelo 25 de Abril, força o fim do idílio amoroso e o regresso do sedutor melancólico alemão ao país de origem, onde acaba por conseguir superar a crise identitária por meio da realização pessoal como escritor.

BIBLIOGRAFIA

- Das Gras wächst von selbst: Faulheit und weitere Untätigkeiten - 50 Jahre Nelkenrevolution – Unverhofft. die horen: Zeitschrift für Literatur, Kunst und Kritik* (2024). Zusammengestellt von Andreas Erb und Christof Hamann, Jgg. 69, Nr. 294.
- Dobrick, Barbara (1987). Adenauer wartete. *Deutsches Allgemeines Sonntagsblatt*, 12.
- Enzensberger, Hans Magnus (1987). Portugiesische Grübeleien. In Hans Magnus Enzensberger, *Ach Europa! Wahrnehmungen aus sieben Ländern. Mit einem Epilog aus dem Jahre 2006* (177-233). Frankfurt a.M.: Suhrkamp.
- Ferreira, José Medeiros (Coord.) (1994). *História de Portugal. Volume 8: Portugal em Transe*. Dir. José Mattoso. Lisboa: Estampa.
- Madeira, Rogério Paulo (2002). *O Imaginário de Lisboa nos Romances «Bekenntnisse des Hochstaplers Felix Krull» de Thomas Mann e «Schwerenöter» de Hanns-Josef Ortheil*. Coimbra: MinervaCoimbra/CIEG.
- Marques, A. H. de Oliveira (¹³1998). *História de Portugal. Volume III: Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*. Lisboa: Editorial Presença.

- Missler, Eva (1997). *Lissabon. Das Bild der Stadt und die Stadt als Bild*. Aachen: Shaker.
- Monteiro, João Gouveia (Dir.) (2024). *Portugal 50 Anos depois do 25 de Abril. O que mudou? O que falta fazer?* Lisboa: Editorial Presença.
- Ortheil, Hanns-Josef (³1990). *Schwerenöter*. München: Piper [1.^a ed. – 1987].
- Pinheiro, Teresa; Stock, Robert; Thorau, Henry (Hg.) (2024). *Fünfzig Jahre Nelkenrevolution: Transkulturelle und intermediale Perspektiven auf Portugals demokratischen Wandel seit 1974*. Bielefeld: transcript Verlag.
- Puhl, Widmar (1987). Josef und Johannes bei Ortheil. *Die Welt*, 16.
- Reinstädler, Janett; Thorau, Henry (Hg.) (2015). *Die Nelkenrevolution und ihre Folgen: Der portugiesische 25. April 1974 in Literatur und Medien*. Berlin: edition tranvía - Walter Frey Verlag.
- Rodrigues, Avelino; Borga, Cesário; Cardoso, Mário (⁴2001). *O Movimento dos Capitães e o 25 de Abril*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Rosas, Fernando (Coord.) (1994). *História de Portugal. Volume 7: O Estado Novo*. Dir. José Mattoso. Lisboa: Estampa.
- Schmitz, Helmut (1997). *Der Landvermesser auf der Suche nach der poetischen Heimat: Hanns-Josef Ortheils Romanzyklus*. Stuttgart: Heinz.
- Töteberg, Michael (1996). Der Schriftsteller als Papagei. Über Literatur und literarische Konzepte von Hanns-Josef Ortheil und Gerhard Köpf. *Text + Kritik*, 113, 19-25.
- Zimmerer, Jürgen (1996). Die Nelkenrevolution und die deutsche Öffentlichkeit. Überlegungen zur Rezeption der portugiesischen Revolution in den deutschen Printmedien. *Runa. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, 26, 573-578.

